

### Futebol feminino e mídia<sup>1</sup>

Luiza Azevedo Lopez<sup>2</sup>

Lóry da Silveira Ribeiro<sup>3</sup>

Luiz Carlos Rigo<sup>4</sup>

**Resumo:** O presente estudo teve como objetivo investigar as oportunidades de acesso das mulheres no futebol feminino brasileiro, utilizando como metodologia a revisão bibliográfica de artigos nas principais bases de dados referentes ao assunto. Tal análise foi feita a partir dos seguintes tópicos: o processo histórico da inserção das mulheres no futebol, problematização da construção social de corpos femininos no meio futebolístico e investigação da visibilidade destas atletas na mídia brasileira. Pode-se constatar a dificuldade da inserção das mulheres nos esportes, porém o pioneirismo de atletas em diferentes modalidades esportivas foi essencial para disseminação do futebol feminino. Também ficou evidente uma regulação dos corpos femininos, ligada à fragilidade e ao quanto acreditava-se que este esporte poderia colocar suas saúdes em risco. Assim como, constatou-se o pouco espaço midiático destinado ao futebol de mulheres. Desta forma, conclui-se que esta pesquisa pode contribuir para futuros estudos que busquem continuar se aprofundando sobre as mulheres no esporte.

**Palavras-chave:** Mulheres; Futebol; Mídia.

#### 1. Introdução

Um dos mecanismos que influenciam diretamente para a construção dos estereótipos esportivos é a mídia. Ela pode de certa forma, construir modelos de atletas masculinos e femininos. Além de criar padrões esportivos, os meios de comunicação também podem negligenciar a cobertura a respeito das atletas, destinando um espaço extremamente maior para os esportistas do gênero masculino.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GT - Mulheres do Futebol, 4º Simpósio Internacional de Estudos do Futebol

<sup>2</sup>Professora do Governo do Estado Do Rio Grande Do Sul. Doutoranda em Educação Física - Movimento Humano, Educação e Sociedade pela Universidade Federal de Pelotas, UFPEL. e-mail: luiza.azevedo.lopez@gmail.com

<sup>3</sup>Doutoranda em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas, UFPEL. e-mail: loryedufi@gmail.com

<sup>4</sup>Professor na Universidade Federal de Pelotas, UFPEL. Tem pós-doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). e-mail: rigoperini@gmail.com

Este fator pode levantar um questionamento sobre a igualdade de acesso às praticas esportivas. Será que as mulheres têm as mesmas oportunidades ao acesso às práticas esportivas? As atletas profissionais têm a mesma visibilidade que um atleta masculino?

A presente pesquisa busca investigar a inserção das mulheres brasileiras no futebol feminino. Visto o crescente processo de participação das mulheres no meio competitivo, principalmente quando se fala em alto rendimento, é visível a diferença na cobertura midiática em relação a esportistas do gênero masculino principalmente quando nos referimos ao futebol.

Levando em conta essa disparidade do predomínio dos atletas masculinos na cobertura midiática é de extrema importância investigar os fatores que determinam e influenciam para essa realidade. Além disso, analisar a maneira de como as atletas são representadas faz com que entendamos as relações que estão presentes em nossa sociedade.

Ainda que andemos para uma melhor igualdade de gênero em relação à oportunidade de acesso ao meio esportivo, nos deparamos com algumas associações difíceis de serem desconstruídas. É comum vermos em coberturas midiáticas atletas serem mais valorizadas em relação à sua beleza estética do que às suas habilidades esportivas. Investigar fatores que contribuam para entender essa diferença faz com que tenhamos maiores subsídios para mudar essa realidade.

Desta forma o objetivo geral deste trabalho é investigar as oportunidades de acesso das mulheres ao futebol feminino brasileiro. Para tanto, buscou-se analisar o processo histórico da inserção das mulheres neste esporte, problematizar a construção social de corpos femininos no meio futebolístico e investigar a visibilidade das atletas no futebol feminino na mídia brasileira.

A metodologia utilizada para esta pesquisa foi revisão bibliográfica. Para realizar esta revisão foram selecionadas as principais bases de dados como PUBMED, LILACS, SciELO e Google Acadêmico.

Para a seleção dos artigos analisados foram utilizadas as seguintes palavras: mulheres, futebol e mídia. Logo após, foram lidos os títulos dos mesmos, todos que apresentassem palavras que definissem que o periódico tinha como intuito falar sobre o

futebol feminino foram selecionados. Foram utilizados artigos que tinham sido publicados a partir do ano de 2000 até o início de 2020. Este recorte foi devido à grande publicação a respeito desse assunto, sendo assim selecionou-se as produções referentes aos últimos 20 anos.

### **2. A inserção das mulheres brasileiras no esporte**

Quando aponta-se para inserção das mulheres no esporte e principalmente no futebol feminino pensa-se, em um modo geral, que a palavra “inserção”, ou até mesmo “conquista”, estão atreladas ao gênero feminino. A grande maioria dos espaços ocupados hoje por mulheres são frutos conquistados por lutas que foram travadas no passado.

No futebol feminino, não poderia ser diferente. Considerado, por muito tempo, uma modalidade exclusivamente masculina, por ser agressivo e prejudicial à feminilidade, o Conselho Nacional de Desporto, em 1965, proibiu sua prática às mulheres nos seguintes termos:

“... aprovou a Deliberação no. 7 que, em seu artigo segundo registrava não ser permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, “rugby”, halterofilismo e “baseball”(GOELLNER,2005,p.145.)

Como pode-se perceber, existia um forte apelo a não participação das mulheres em determinados esportes, fato este que chegou a ser decretada uma lei registrada pelo Conselho Nacional de Desporto reafirmando esta postura. Episódio que reforçam uma normatização dos corpos femininos associados à maternidade e à beleza feminina, onde esportes ditos “violentos” poderiam ameaçar esta representação social da época. Como destaca Goellner (2005):

Além do medo de que a participação das mulheres em atividades esportivas pudesse desonrá-las havia, ainda, outra preocupação: seu sucesso nestas práticas poderia infringir as leis da natureza, pois, ao mostrarem-se mais fortes do que se supunha, seria fissurado o discurso das diferenças naturais cuja base estava assentada na sobrepujança física de um sexo sobre outro (GOELLNER,2005,p.145.).

Apesar da proibição da prática das mulheres no futebol feminino, há relatos que estas continuaram acontecendo, alguns registros jornalísticos revelam esta realidade, como na matéria, publicada no Jornal dos Sports de 3 de maio de 1931, no Rio de Janeiro, como destaca Mourão e Morel (2005):

Realizou-se ante-hontem no campo do Brasil F. Club, na Piedade, um jogo de football feminino entre as equipes “Madame Lessa Alves” e Madame Macedo. A partida estava sendo disputada com entusiasmo. As pequenas empregaram-se com extraordinário ardor. De vez em quando, uma acertava a bola ou esta batia nellas, de maneira a fazer vibrar a assistência. O jogo começou então, a descambar para o lado da brutalidade. Os defensores de ambos os lados “entram” com fé nos forwards adversários, enquanto a “torcida” fremia (MOURÃO e MOREL 2005, p.76).

Como se pode perceber, era extremamente comum que as reportagens a respeito dos jogos de futebol feminino fossem levadas para um lado mais cômico ou, até mesmo, com certa falta de habilidade das mulheres no jogo. Apesar disso, as mulheres começavam a ganhar um pequeno espaço no meio esportivo, porém regado a um discurso extremamente preconceituoso.

Considerando o processo histórico da inserção das mulheres nos esportes vale destacar algumas pioneiras. Em uma pesquisa realizada por Devide (2017) o autor se propôs a pesquisar a história de uma nadadora brasileira, Blanche Pironnet, que no início do século XX se destacou como sendo a única atleta feminina a participar de competições de natação em São Paulo. A nadadora, por diversas vezes, foi consagrada campeã disputando entre os homens, derrubando paradigmas da participação das mulheres no esporte. Como se pode observar no trecho descrito:

Os jornais não debatem as diferenças físicas “naturais” entre os homens e as mulheres, que serviam de meio para que elas, “frágeis”, fossem excluídas de algumas práticas esportivas. Blanche desconstruiu argumentos biologicistas, calando aqueles que por inúmeras vezes assumiam o discurso que repreendia a participação feminina em competições esportivas (DEVIDE, 2017 p. 678).

Estas vitórias de Blanche alavancaram um processo de incentivo e espaço para outras mulheres praticarem natação. Além disso, a nadadora desconstruiu discursos em que as mulheres eram consideradas incapazes de praticar natação. Este reconhecimento veio à tona tanto que o Centro Esportivo Paulista reconheceu seu pioneirismo, convidando-a a ser diretora do naipe feminino de natação (DEVIDE, 2017).

Nesta linha de pensamento, destaca-se a pesquisa realizada por Oliveira et. al (2010) que traz em seu estudo o pioneirismo de uma mulher que na década de 1938 foi gerenciadora no desenvolvimento da prática de vôlei de praia nas areias de Copacabana, no Rio de Janeiro.

Tia Leah, como era conhecida, montava sua rede todos os dias no posto seis na praia de Copacabana (RJ). Neste período, não era comum ver mulheres ocupando espaços de lazer, principalmente as praias como um local possível de práticas esportiva. Sendo assim, esta precursora se torna uma grande incentivadora para o surgimento de novas jogadoras de vôlei de praia em Copacabana (OLIVEIRA et. al, 2010).

No tempo em que a essência da individualidade feminina era reduzida ao espaço privado e a maternidade, Leah ignora essas regras a maior parte do tempo, e se dedica ao espaço público da praia carioca dedicando aos esportes, a sociabilidade da rede, e ao jogo de cartas (OLIVEIRA et al,p,302, 2010)

Fato este, que a partir de 1938, algumas mulheres começaram a frequentar as quadras de vôlei de praia de Copacabana, Sendo inclusive espaço de treinamento para atletas de destaque no futuro. Passaram por estas redes cariocas, atletas olímpicas brasileiras medalhistas na modalidade de vôlei de praia (OLIVEIRA et. al, 2010).

Nesta perspectiva, destacaram-se alguns espaços de pioneirismo e participação das mulheres no campo esportivo. Vale salientar que estas participações foram frutos da inserção de mulheres em um espaço considerado por muito tempo exclusivamente masculino.

### 3. Construção sócio-histórica de corpos femininos no meio futebolístico.

A mídia representa um espaço de destaque na nossa sociedade. Sendo um veículo na construção e disseminação de estereótipos de atletas femininas, é importante questionar de que forma estas atletas estão presentes e que espaço elas ganham nestes meios de comunicação.

O futebol pode ser considerado o esporte mais popular entre os brasileiros. Toda a sua história envolve um grande comércio e marketing que vão desde utensílios esportivos até um mercado mundial envolvendo comércios de atletas. Porém, quando se fala dessa modalidade no gênero feminino, existe uma disparidade bastante elevada em relação ao espaço midiático do futebol masculino.

Segundo MARTINS e MORAES (2007):

No Brasil, identificamos o crescimento da prática desta modalidade entre as mulheres, bem como o seu aparecimento midiático mais evidente, particularmente após o inédito resultado nas olimpíadas de Atlanta, com o quarto lugar, e, mais recentemente, com o sucesso das atletas em Atenas, conseguindo a medalha de prata (MARTINS e MORAES, p.70, 2007).

Entretanto, como destaca MARTINS e MORAES (2007), este crescimento aparece sazonalmente relacionado com o bom desempenho das atletas a determinadas edições olímpicas. Desta forma, assim como as atletas recebem um pequeno espaço da cobertura midiática em tempos olímpicos, estas também desaparecem com a finalização da mesma. Além disso, fica bastante evidente o tipo de discurso que as reportagens geralmente veiculam:

(...) mesmo durante o mês de agosto, quando o Brasil conseguiu a medalha de prata, ainda encontramos repetidas referências negativas ao tratar das mulheres do futebol, como “sexo frágil”, “esquecidas”, “trauma”, “desempregadas”, “decepção”, “time que deixará de existir” (MARTINS e MORAES, p.78, 2007).

Desta forma, pode-se observar o quanto permanecem enraizados discursos em que as mulheres atletas ainda são consideradas frágeis e suscetíveis a “pressões” competitivas. Mesmo quando elas apresentam um resultado surpreendente, levando em conta o pouco investimento financeiro e midiático em relação ao futebol feminino.

Em relação à construção deste estereótipo, pode-se observar que o conceito de fragilidade feminina, segundo TEIXEIRA E CAMINHA (2013), vem de um processo histórico em que se destacava, no Brasil (na transição entre os séculos XIX e XX), esforços para impedir a participação das mulheres no campo esportivo.

De acordo com GOELLNER (2005), as desconfianças em relação à presença da mulher no esporte estiveram culturalmente associadas ao medo de vulgarizar o corpo feminino, ou seja, de torná-lo masculino por meio do esforço físico intenso (GOELLNER, 2005).

Nesse sentido, pode-se perceber um discurso no qual se buscou por muito tempo desconfiar da capacidade das mulheres presentes na prática futebolística, pois, de certa forma, segundo estes conceitos, poderia-se estar colocando em risco sua feminilidade.

Estes preconceitos são fruto de um processo histórico de repressão das mulheres na prática deste esporte. Em pesquisa realizada por FRANZINI (2005), que buscou analisar a presença do futebol feminino dentro e fora dos gramados brasileiros, na primeira metade do século XX, fica evidente, em diversas reportagens dos jornais na década de 1940, o quando o futebol feminino era boicotado e até mesmo proibido na época. Em uma reportagem da Gazeta Esportiva de São Paulo, em 1940, fica explícito, inclusive por opinião médica, o “perigo” que este esporte poderia acarretar às jogadoras:

*A Gazeta Esportiva publicava a “opinião autorizada” do doutor Leite de Castro, “o primeiro médico do Brasil que se dedicou especialmente à medicina esportiva”. Entre outras coisas, o doutor dizia que “não é no futebol que a juventude feminina se aperfeiçoará”. Pelo contrário — é o futebol o esporte que lhe trará defeitos e vícios; alterações gerais para a própria fisiologia delicada da mulher, além de outras consequências de ordem traumática, podendo comprometer seriamente os órgãos da reprodução (ovário e útero) (FRANZINI, p.321,2005).*

Neste relato fica evidente que a grande preocupação com as mulheres esportistas estava intimamente ligada a uma visão sexista do corpo feminino, no qual a maior preocupação é que estas moças colocassem em risco sua utilidade social. Seus corpos estariam extremamente ligados à maternidade, ao cuidado ao lar e à delicadeza de um corpo feminino. Desta forma, como destaca FRANZINI (2005):

O futebol feminino, portanto, só poderia mesmo representar um “desvio de conduta” inadmissível aos olhos do Estado Novo e da sociedade brasileira do período, pois abria possibilidades outras além daquelas consagradas pelo estereótipo da “rainha do lar”, que incensava a “boa mãe” e a “boa esposa” (de preferência seguindo os padrões *hollywoodianos* de beleza), principalmente, restrita ao espaço doméstico (FRANZINI, p.321,2005).

Nesse sentido, pode-se perceber o quanto era representativo a regulação dos corpos femininos para que as mulheres não praticassem determinados esportes, estando presentes em reportagens jornalísticas, inclusive com recomendações médicas com o objetivo de legitimar o discurso.

Nesta linha de pensamento, percebe-se que este preconceito da prática do futebol feminino ainda está presente inclusive no ambiente escolar. Em estudo realizado JÚNIOR E DARIDO (2002), que teve por objetivo analisar a situação do futebol feminino dentro do contexto escolar, foi constatado que, apesar das alunas afirmarem o interesse pela prática do futebol, estes espaços esportivos ainda são dominados pelo público masculino.

Outro fator bastante relevante, recorrente nas aulas de Educação Física escolar, é a separação das aulas por gênero. Está divisão pode acabar reafirmando o conceito de que as meninas seriam menos habilidosas em relação às práticas esportivas. Em contra partida muitas meninas, às vezes, preferem essa separação, como destaca JÚNIOR E DARIDO (2002):

A opção pelas meninas por praticar, na maioria das vezes, o futebol em grupos exclusivamente femininos revela uma tendência à participação em jogos com turmas mais homogêneas, nas quais as possibilidades de fracasso podem ser atenuadas pela frequência maior em que ocorre o erro e onde a participação no jogo é mais efetiva (JÚNIOR E DARIDO, p.8, 2002).

Esta preferência pode ser compreendida pela excessiva competitividade, muitas vezes, que é estimulada nas aulas de educação física. Essa competitividade excessiva pode, de certa forma, afastar as meninas do envolvimento no futebol quando é jogado de forma mista, pois elas podem se sentir excluídas na participação do jogo.

### 4. Visibilidade das atletas no futebol feminino na mídia brasileira.

Quando nos propomos a discutir sobre a visibilidade das mulheres no meio esportivo brasileiro, alguns questionamentos nos vêm à mente, como, por exemplo, será que a mídia brasileira tem disponibilizado o mesmo espaço de visibilidade das esportistas femininas comparado aos atletas do gênero masculino?

Sem sombra de dúvidas algumas respostas vêm em nossa mente, levando em consideração que a mídia é fruto da nossa sociedade, seria ingênuo dizer que não existe uma construção social da supervalorização masculina no meio esportivo.

Esta distinção pode ser observada principalmente quando falamos sobre futebol. Sendo considerada uma paixão nacional é fácil de perceber a mobilização ou até mesmo a mudança da rotina dos brasileiros quando nos aproximamos de uma Copa do Mundo. Em muitas instituições os horários de trabalho mudam para que a população possa acompanhar os jogos da seleção brasileira masculina.

Diferentemente do futebol masculino, o futebol feminino não recebe a mesma cobertura. Para termos uma ideia dessa diferença somente em 2019 a televisão aberta transmitiu a copa do mundo feminina. Neste exemplo, fica evidente perceber essa distinção, porém esta diferença também está presente em diferentes modalidades não só nesta mencionada.

Em uma pesquisa realizada por Souza e Knijnik, (2007), os autores tiveram como objetivo analisar essa disparidade. Como metodologia de pesquisa utilizaram o jornal Folha de São Paulo. Os autores se propuseram a analisar a cobertura jornalística de esportes masculinos e femininos, assim como o tamanho das reportagens destinado a cada um dos gêneros. O período de análise foi entre anos 2002 e 2003.

Os resultados demonstraram uma predominância de 700% das reportagens masculinas em detrimento das femininas, além disso, o tamanho das reportagens também apresentou bastante diferença, como podemos observar no trecho descrito pelos autores: “Entre agosto e setembro/2002, a média por matéria do jornal foi de 212,2 palavras para os homens e 138 palavras para as mulheres” (FREITAS e KNIJNIK, 2007, p.42). Esta diferença no que se refere ao tamanho das reportagens ainda foi superior no ano seguinte no mês de fevereiro “246 palavras para os homens e apenas 32,4 palavras para as mulheres” (FREITAS e KNIJNIK, 2007, p.42)

No que tange ao direcionamento do tipo de reportagem, em que as atletas são indagadas, também apresenta distinção ao tratamento entre os gêneros, revelando um processo histórico do ser feminino e masculino construído desde a infância, segundo GOELLNER, (2007):

A eles a aventura, a potência, o desafio, a força; a elas, a aventura comedida, a potência controlada, a força mensurada, o desafio ameno. Para as mulheres, em grande medida, é incentivado viver o espetáculo esportivo desde que não deixe de lado, por exemplo, a graciosidade, a delicadeza e a beleza, atributos colados uma suposta “essência feminina”. Argumentos como estes operam como mecanismos de exclusão e inclusão em diferentes modalidades esportivas, posicionam as mulheres, demarcam seus espaços de sociabilidade, pois insistem em afirmar que determinadas atividades não são apropriadas aos seus corpos vistos, grosso modo, como de natureza mais frágil que os corpos dos homens (GOELLNER, 2007, p184-185).

Sendo assim, é extremamente comum que as reportagens destinadas às atletas estejam mais interessadas em saber como elas conciliam a vida familiar com a profissão ou até mesmo somente destacando a sua beleza, nas reportagens da Folha de São Paulo analisadas pelos autores os “Os termos relacionados à aparência e termos fora do contexto esportivo foram mais comuns para as mulheres” (FREITAS e KNIJNIK, 2007, p.42).

Além da mídia, não podemos deixar de destacar que a construção das mulheres esportistas vai além dos meios de comunicação, segundo GABRIEL E FREITAS JUNIOR (2016):

(...) a mídia não cria isoladamente as representações que estruturam o imaginário social. Estas estão assentadas na experiência das pessoas, assim como nos seus desejos, aspirações e vontades. Isto é, as suas representações são um produto histórico, estruturadas através da vivência, da socialização e da comunicação interpessoal com as instituições presentes na sociedade (Escola, Estado, Família, Igreja, Mídia), as quais vão exercer o poder de influência que lhe são inerentes em cada momento (GABRIEL E FREITAS JUNIOR, 2016, p.373).

Nesse sentido, a representatividade das esportistas brasileiras é fruto de diversas relações sociais, apresentando maior dificuldade quando se fala em esportes ditos masculinos, como é o caso do futebol. Em geral, a cobertura midiática para as atletas

apresentam menos espaço comparado ao gênero masculino, quando o esporte em discussão é o futebol a diferença é massacrante. As mulheres recebem um pequeno espaço quando se aproximam de alguma competição em nível mundial, porém essa pouca visibilidade se torna inexistente no momento que a competição se encerra, deixando a visibilidade novamente somente aos futebolistas do gênero masculino.

Segundo KINIJNIK E VASCONCELLOS (2003), apesar da grande atuação das futebolísticas brasileiras nas competições e sendo o futebol um esporte extremamente popular no país, ainda assim as mulheres passam invisíveis aos olhares da mídia e conseqüentemente para o grande público. Para os autores, uma das justificativas para essa invisibilidade do futebol feminino estaria relacionado à inserção das mulheres em um campo considerado predominantemente masculino. Nesses ambientes as barreiras e a discriminação referentes às mulheres é ainda maior.

### **Considerações finais**

Em suma, buscou-se nesta pesquisa analisar o cenário das mulheres no esporte, mas especificamente no futebol feminino. Para isso, o primeiro capítulo se propôs a analisar a inserção das mulheres brasileiras no campo esportivo. Dentro dessa inserção, pode-se perceber que foi um processo lento, regado por uma série de proibições, no qual o pioneirismo de atletas em diferentes modalidades esportivas foi essencial para disseminação do futebol feminino e o surgimento de espaços para a visibilidade de novas esportistas de destaque.

No segundo capítulo, o foco principal foi discutir a construção sócio-histórica dos corpos femininos. Nesse sentido, ficou evidente um forte discurso do “perigo” das mulheres praticarem esportes ditos “violentos”, como era considerado o futebol. O principal argumento para esse discurso, da década 1940, estava ligado à fragilidade feminina e o quanto esse esporte poderia colocar suas saúdes em risco.

Já no último capítulo, a pesquisa se propôs a analisar o espaço da mídia brasileira destinado às esportistas nos dias de hoje. Pode-se perceber a escassez de reportagens e o pouco espaço que as mulheres ocupam na mídia, principalmente quando comparados àqueles dedicados aos esportistas do gênero masculino. Essa diferença é ainda maior quando o esporte é o futebol.

Sendo assim, esta pesquisa buscou analisar as oportunidades de acesso das mulheres no esporte e principalmente no futebol. Desta forma, acredita-se ser de extrema importância discutir aspectos que ainda continuam bastante vigentes em nossa sociedade, como o preconceito com as mulheres praticantes do futebol, o questionamento dos motivos da pouca visibilidade midiática das mulheres futebolísticas e as maneiras como as poucas reportagens são direcionadas ao universo feminino. Desta forma, esta pesquisa pode servir como subsídio para futuros estudos que busquem continuar se aprofundando sobre as mulheres no esporte, tema tão essencial para construir uma sociedade mais justa e igualitária.

### Referências Bibliográficas

DEVIDE, Fabiano Pries. Reflexões sobre o uso da linguagem e da imagem na pesquisa histórica do esporte: a trajetória de blanche pironnet na história das mulheres no esporte no Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n.2., p 675-688, abr./jun. de 2017.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, nº 50, p.315-328 – 2005.

GABRIEL, Bruno José; FREITAS JÚNIOR, Miguel Archanjo de. O discurso acerca da seleção brasileira presente na Folha de S.Paulo durante o ano de realização da “Germany World Cup”. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.30, n.2, p. 371-383 Abr/Jun. 2016.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v.13, n. 02, p.171-196, maio/agosto de 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-51, abr./jun. 2003.

JÚNIOR, Osmar Moreira de Souza; DARIDO, Suraya Cristina. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. **Motriz**, v.8 n.1, p.1-9, Jan-Abr. 2002.

KNIJNIK, Jorge Dorfman e VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. **Com a cabeça na ponta da chuteira**. São Paulo: Annablume; 2003. p.75-89.

#### 4 ● Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura. O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. **Pensar a Prática** v.10, n.1, p. 69-81, jan./jun. 2007.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005.

OLIVEIRA, Lenice; MOURÃO, Ludmila; COSTA, Vera. Mulher e Vôlei de Praia: memórias de Tia Leah. **Motriz**, Rio Claro, v.16, n.2. P300-310, abr/jun.2010.

SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, jan. /mar. 2007.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 265-287, jan/mar de 2013.